

Crise no PT afeta esquerda

Luis Eduardo Costa

A intervenção da executiva nacional do PT nas decisões do partido em Brasília, anulando a convenção que indicou Orlando Cariello candidato a governador, traz mais alvoroço entre as esquerdas da cidade, que há meses vinham tentando uma coligação com os petistas. "É um fato novo que teremos que avaliar", afirma Carlos Alberto Torres, presidente regional do PCB que, junto com as lideranças do PSB e PC do B desistiu de se aliar ao PT depois da escolha de Cariello e o veto imposto ao PSDB.

Esses três partidos de esquerda já vinham trabalhando com duas alternativas, antes de a convenção regional petista que indicou Orlando Cariello ser anulada na sexta-feira: uma coligação com o PSDB, com esse partido indicando a cabeça de chapa, ou a aliança com o PDT. Na sexta-feira, esses cinco partidos se reuniram e decidiram elaborar um documento político com vistas à aliança, embora ainda haja algumas questões pendentes, como a reunião do diretório do PSDB para avaliar a possibilidade de manter a candidatura do deputado Sigmaringa Seixas, já lançada pela executiva regional do partido.

A hipótese de uma coligação com o PSDB surgiu após a decisão da convenção regional do PT de lançar Cariello, um nome que nunca foi bem aceito entre três partidos de esquerda — PCB, PSB e PC do B — a despeito do veto imposto aos tucanos pelos petistas, uma decisão que não foi assimilada pelas lideranças que decidiram se coligar para concorrer ao pleito de Brasília.

Indecisão

Mas essa decisão não é fácil, a começar pelo PSDB. O partido está dividido entre lançar candidatura própria (Sigmaringa Seixas e o senador Pompeu de Souza), fazem coligação com o senador Maurício Corrêa, uma alternativa que há

muito tempo vem sendo trabalhada pelo deputado Geraldo Campos, e por último uma aliança com o ex-governador Joaquim Roriz, que vem assediando os tucanos.

A deputada Maria de Lourdes chegou a ser convidada por Roriz a ser sua vice, mas recusou. No entanto, ela não esconde sua simpatia pelo ex-governador, a quem classifica de "um grande político e que se preocupou com as camadas mais carentes da cidade". Mas essa hipótese para o PSDB é mais remota, pois muitos integrantes do partido, e a própria deputada, consideram que Roriz está rodeado pela "direita".

Mas os outros três partidos de esquerda também se dividem nessa questão. A hipótese PSDB só passa tranqüila no PCB. No partido há setores que aceitam se coli-

gar com os tucanos e outros que querem fazer logo a aliança com o PDT. No PC do B a tendência mais forte é Maurício Corrêa. As lideranças desses dois partidos avaliam que mesmo que os tucanos decidam manter candidatura própria sairá dividido, o que não é bom para uma campanha eleitoral. De qualquer forma, todos decidiram esperar até sexta-feira, porque na quinta os tucanos reúnem seu diretório regional para definir a situação.

Como "patinho feio" dessa história-está o PDT que já tem candidato próprio declarado (o senador Maurício Corrêa) há muito tempo. Durante todo o processo de discussão da coligação das esquerdas o partido vem se mantendo distante. Foi sempre a segunda opção do restante da esquerda, embora algu-

mas lideranças tenham lutado para viabilizar uma coligação com os seis partidos progressistas para enfrentar o ex-governador Joaquim Roriz.

Temor

Mas a solução PDT é sempre a última, pois muitos setores dos outros partidos não têm como clara as posições políticas do senador Maurício Corrêa no campo da esquerda. Temem que o senador possa dar "uma guinadinha" à direita que os descaracterize.

Com o fato novo no PT-DF, entretanto, essa novela pode se arrastar por mais algum tempo. Os três partidos de esquerda com mais nitidez ideológica, e até setores do PSDB, apesar do veto, nunca esconderam a preferência pelos petistas.